

Marinha do Brasil

# Batalhão de Operações Ribeirinhas de **Fuzileiros Navais**



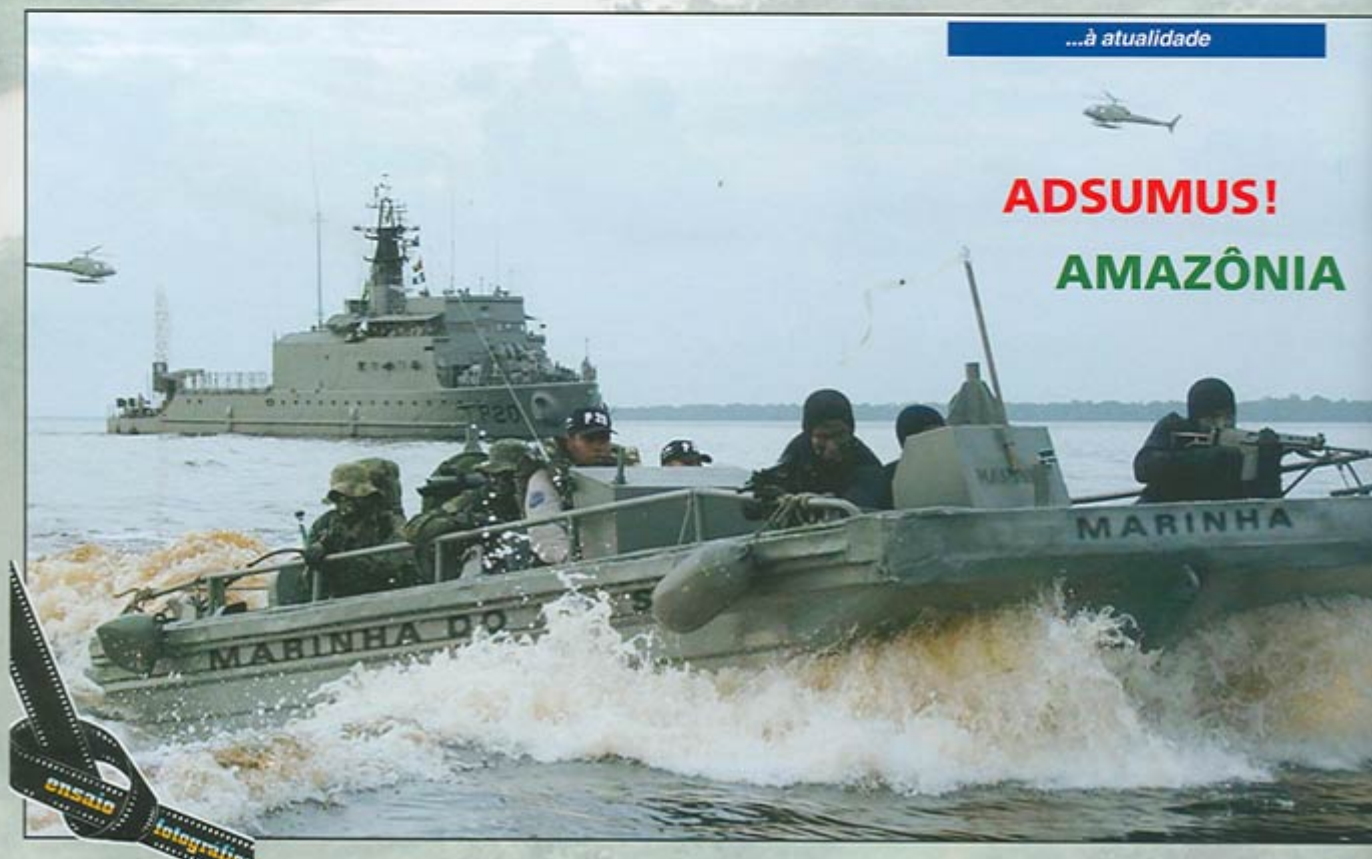
Na Amazônia, a presença naval vem desde os tempos em que seus primitivos habitantes circulavam com extrema destreza em canoas ou em animais de montaria, em ações com características militares de defesa do próprio território. Os índios camberas, camatás e murás eram chamados de fenícios da América por serem habili-

dos e ágeis na manobra de suas embarcações. Assim se formou a tradição marinheira da região. Graças a essa gente improvisada em soldados e marinheiros foi possível conter franceses, ingleses e holandeses nas Guianas, permitindo aos portugueses conservar e ampliar, em notável trabalho de permanência e expansão, o Brasil de hoje.

...à atualidade

**ADSUMUS!**

**AMAZÔNIA**



Da tomada de Caiena, em 1809...



Ao longo do século 17 aconteceram várias ações para expulsar estrangeiros invasores. Foi preciso forte reação para coibir a inveja do poderio ibérico; um período onde se destaca a notável expedição náutica militar comandada por Pedro Teixeira que criou as condições para que luso-brasileiros prosseguissem na penetração do "rio mar" assegurando definitivamente a posse da Amazônia. Para a consolidação do domí-

nio da região, em 1761 foi fundado o Arsenal de Marinha do Pará, marco inicial da presença da Marinha no norte do País.

Com a chegada da Família Real ao Brasil, o príncipe regente D. João, em 01 de maio de 1808 declara guerra à França, pois Portugal havia sido invadido por tropas de Napoleão Bonaparte. Em 7 de janeiro

de 1809, os Fortes Diamant e Degras des Cannes, localizados na ilha de Caiena, foram conquistados aos franceses, facilitando o desembarque da tropa que estava nos navios da Marinha Real. Dessa forma se deu o brilhante "batismo de fogo" em terras sulamericanas dos fuzileiros-artilheiros da Brigada Real da Marinha.



Texto: Da Redação  
Fotos: BtlOpRib



Mantendo a histórica tradição da presença secular da Marinha na região Amazônica, em 04 de novembro de 1985, pelo Decreto 91.870, foi ativado o Grupamento de Fuzileiros Navais de Manaus (GpFNMMA), depositário dos feitos da tropa que combateu e venceu em Caiena.

No ano de 2002, dentro do programa que incrementou as ações da Marinha na área, o GpFNMMA, teve sua estrutura organizacional alterada, transformando-se no Batalhão de Operações Ribeirinhas (BtlOpRib), tendo como missões a atuação no ambiente operacional amazônico, prover guarda e proteção para as instalações navais e civis de interesse da Marinha na região e conduzir trabalhos de segurança interna na jurisdição do Comando do 9º Distrito Naval (Com9DN), para a garantia dos rios Solimões e Amazonas e das hidrovias secundárias atingíveis a partir da calha principal desses rios.

O BtlOpRib tem suas instalações situadas estrategicamente na extremidade sul da cidade de Manaus (AM), em frente ao encontro das águas dos rios Solimões e Negro, no exato local onde se forma o rio Amazonas. Está diretamente subor-

dinado ao Com9DN, que abrange a Amazônia Ocidental, constituída pelos Estados do Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima, que correspondem a 25% do território brasileiro, com 2.200.000 km<sup>2</sup> de área e 21.000 km de rios navegáveis.



Contando com um efetivo ao redor de 900 fuzileiros navais, o BtlOpRib tem um comando, uma companhia de comando e serviços, três de fuzileiros navais e uma de apoio ao combate.

A Operação Ribeirinha (OpRib) tem como objetivo obter e manter o controle de parte ou de toda extensão de uma área ribeirinha, ou negar sua utilização pelo inimigo. A área ribeirinha é a superfície interior que compreende a hidrovia fluvial ou lacustre e o terreno adjacente, caracterizada, ainda, pela visibilidade reduzida, por linhas de comunicações terrestres limitadas, pela existência de extensa superfície hídrica ou por rede de hidrovias interiores, que servem como via de penetração ou rotas essenciais para o transporte de superfície.

O conceito das OpRib é fundamentado no princípio de que é inviável o controle das hidrovias interiores sem o controle das áreas terrestres que lhe são adjacentes e vice versa. Assim, para a



Marinha do Brasil, as OpRib se caracterizam por uma forte associação à calha do rio e, normalmente, por não se aprofundarem em terra. Diferente de uma Operação Anfíbia, em que as ações são realizadas do mar para a terra, onde os fuzileiros navais e a Força Naval atuam em

ambientes distintos, os elementos de tropa ribeirinha estão permanentemente ligados aos navios, helicópteros e embarcações orgânicas.

Nas OpRib, as unidades, ou suas frações, desembarcam do navio, progredindo de um ponto de terra a outro em





embarcações rápidas ou em helicópteros, entrando ou saindo da área de atuação do setor terrestre de acordo com a situação tática planejada pelo comandante da Força Tarefa Ribeirinha. Durante a execução, frações da tropa embarcada em lanchas de assalto atuam em defesa dos navios, principal-

mente no estreitamento das calhas dos rios, além de realizarem reconhecimento em pontos avançados da zona de navegação ou rápidas incursões em terra. O helicóptero orgânico é utilizado intensivamente tanto para missões de esclarecimento como para apoio aéreo aproximado.

Para a perfeita execução de uma OpRib é fundamental o emprego conjunto do navio, da tropa de fuzileiros navais embarcada e das aeronaves. A utilização coordenada desses meios assegura poder ofensivo e mobilidade, proporcionando uma maior dimensão na capacidade de reconhecimento e de proteção aos meios navais. Isso é chamado comumente de "trinômio navio-fuzileiro naval-helicóptero", onde o navio confere mobilidade à Força Naval, por poder percorrer grandes distâncias e possuir capacidade para o transporte de carga e pessoal, de Comando e Controle e fornecer apoio logístico à tropa em terra, servindo, ainda, como base de combate flutuante, de onde são lançadas as embarcações com militares. O helicóptero aumenta a mobilidade e a flexibilidade.

O fuzileiro naval, ao realizar uma OpRib, materializa, no ambiente ribeirinho, a tarefa básica do Poder Naval de projetar poder sobre terra, garantindo a conquista de objetivos como localidades,





instalações de interesse e ocupação das margens para permitir a passagem de navios ou força de combate do Exército brasileiro em missões combinadas.

O armamento do BtlOpRib é semelhante às demais unidades do Corpo de Fuzileiros Navais, incluindo fuzil Colt M16A2 e carabina Colt M4 calibres 5,56mm, pis-

tola Taurus PT92af calibre 9mm, metralhadoras FN MAG calibre 7,62mm e FN Minimi, calibre 5,56mm, por exemplo, e outros, específicos para a Amazônia.





Para fazer frente às características peculiares do ambiente ribeirinho amazônico foi criado o Curso de Operações Ribeirinhas visando suprir a necessidade de quadros com efetiva capacidade técnica, psicológica e física, dotados de conhecimentos essenciais do combate na selva e aptos a assumirem com desenvoltura a liderança de pequenas frações de tropa durante as operações. O curso, criado em 2005, tem duração de quatro semanas e já formou perto de 500 combatentes ribeirinhos, dentre os quais militares das outras Forças Armadas, da Polícia Militar do Amazonas e agentes da Polícia Federal.

No curso são treinadas diversas técnicas de combate na selva, sobrevivência, primeiros socorros, navegação e orientação terrestre e fluvial, natação uti-



litária, rapel, comunicação, técnicas de patrulhamento e conhecimentos básicos sobre motores de popa.

Para a manutenção do aprestamento operacional do BtlOpRib, faz parte da sua rotina o adestramento diário de tiro, pista de maneabilidade, natação utilitária, execução de patrulhas e exercícios de orientação. Durante o ano são realizados diversos programas de adestramentos e operações militares, entre elas aquelas conjuntas com o Exército e a Força Aérea e simulações de combate em diversas regiões da Amazônia.



Desde 2008, o BtlOpRib tem estado, de forma permanente, na fronteira norte, atuando com um Destacamento de Fuzileiros Navais em Tabatinga, fazendo a seguran-

ça das instalações da Capitania Fluvial de Tabatinga, prestando apoio nos diversos encargos. Da mesma maneira, no final daquele ano, a Marinha decidiu atuar com pequenos destacamentos, com o

apoio logístico do Exército, em Vila Bittencourt, Ipiranga e Estirão do Equador, localizadas respectivamente, nos rios, Japurá, Içá e Javari, com rigorosas ações de Inspeção Naval.

T.L.B

